

Uma certa Norma Jeane

Bernardo Bergmann*

Se eu fosse escrever um livro sobre a história do cinema reservaria um capítulo, ou melhor, faria um livro só sobre as Mulheres que deixaram sua marca na tela e povoaram os sonhos de milhares de homens de várias gerações. Poderia começar pelas musas do cinema mudo como Louise Brooks, de *A Caixa de Pandora*, a fabulosa Greta Garbo, Marlene Dietrich, passando por Fay Wray, Ingrid Bergman, Vivien Leigh, Rita Hayworth, Grace Kelly e muitas outras. Mulheres, com "M" maiúsculo, que foram fundamentais para celebrar o cinema como a arte do século XX.

Mas o maior mito feminino do cinema nasceu no dia 01 de junho de 1926, no hospital geral de Los Angeles, filha de mãe solteira que nunca saberia a identidade verdadeira de seu pai. Nasceu como Norma Jeane Mortenson, hoje é eternizada, simplesmente, por Marilyn Monroe.

Se passaram 37 anos desde que, em agosto de 1962, Marilyn Monroe suicidou com uma mistura de álcool e tranqüilizantes, com prematuros 36 anos. A partir de então começaram a forjar sua lenda e a creditar sua morte a um assassinato. Marilyn teve um romance com John e Robert Kennedy e diziam que sabia demais. Na realidade, Marilyn Monroe vivia decepcionada e desesperada porque sua extraordinária personalidade megalomânica estava transtornada pelo abandono de muitos de seus antigos admiradores, porque a haviam despedido dos estúdios Fox e porque sua vida cotidiana havia se convertido em uma constante desolação. Mas na tela, sem ter consciência plena disso, já havia mostrado o

que tanto sabia fazer: ser deslumbrante.

Ela não sabia que não era só o maior símbolo sexual da cultura planetária do cinema, mas



uma das maiores atrizes de Hollywood. Havia nela paixão, sexo, mistério, entrega, convertidos numa alegria de viver representada admiravelmente na tela. Nos filmes encarnou quase sempre personagens que transbordavam otimismo mas que ocultavam anos

de neuroses, solidão e abandono.

Desde sua primeira grande comédia, "Gentlemen Prefer Blondes", dirigida por Howard Hawks, onde interpretou a ambiciosa mas inocente garota loura, que canta que "os melhores amigos das mulheres são os diamantes", apareceu deslumbrante e bela. Essa comédia até hoje segue sendo um ícone da época. Desde esse filme surgiram as constantes do mito Monroe: ingenuidade, encanto, sensualidade, sofisticação e muita alegria.

Depois do sucesso de "Gentlemen Prefer Blondes" o nome de Marilyn Monroe se colocou entre os dez mais importantes das celebridades americanas. O filme seguinte "How to Marry a Millionaire" Marilyn dividiu o estrelato com Betty Grable e Lauren Bacall. A atenção da crítica se fixou em sua personagem graças a miopia acentuada, a inocência e a insegurança de um arquétipo feminino. Na noite de estréia ela era a mulher mais famosa de Hollywood. Antes disso aumentou sua popularidade ao casar-se com Joe Di Maggio, famoso jogador de Beisebol que, apesar de estar aposentado, era um autentico herói nacional. Era seu segundo casamento. No primeiro Marilyn ainda era Norma Jeane e tinha apenas 16 anos.

Marilyn Monroe estava também mostrando ao mundo a personalidade de um novo tipo de mulher que rompia com os tabus da mulher tradicional americana. Era uma mulher evoluída que sem ser aventureira e vampiresca, desfrutava com naturalidade a realidade de seu próprio corpo. Estava convencida de que podia chegar a ser sensacional, que possuía qualidades extraordinárias para o cinema e que estava decidida a obter reconhecimento dos demais, não só em termos sensuais, mas fundamentalmente como uma grande atriz. Nunca quis mal a ninguém. Não era maliciosa. Nunca foi indiferente ante nada. O que mais lhe importava era fazer feliz quem estava a seu redor. Queria fazer o melhor.

Quase sempre com vestidos justos e sapatos de salto alto, que realçavam o seu requebrado ao caminhar, Marilyn se converteu no protótipo erótico dos anos 50. Em certa oportunidade André Bazin comentou: "Depois da Guerra, o erotismo cinematográfico deslocou da coxa ao peito. Marilyn Monroe o fez baixar entre um e outro".

Depois de estourar Marilyn começou a escolher quais personagens iria fazer e quanto queria ganhar. Aceitou filmar "There's No Business Like Show Business" em troca de poder interpretar "The Seven Year Itch", sob as ordens de Billy Wilder. Estava incomparável no papel da inocente e vulcânica vizinha de um solteiro reprimido. Este filme tem a cena mais famosa de Marilyn., a do vestido flutuante. Certa vez disse: "Eu não estou interessado no dinheiro. Eu quero apenas ser maravilhosa".

Outra de suas grandes comédias foi "Some Like It Hot", com Jack Lemmon e Tony Curtis, também dirigida por Billy Wilder. O filme contava a história de dos jazzistas disfarçados de mulheres, que tentam escapar de um grupo de gangsters. "Some Like It Hot" é uma comédia delirante e esplendida onde existe homossexualidade e um erotismo desenfreado. Marilyn Monroe estava no ápice da perfeição, era a grande comedianta, o símbolo sexual, a grande atriz. Mas foi odiada durante as filmagens porque cuidava de todos os detalhes e fazia seus companheiros de trabalho esperarem horas.

Durante as filmagens todos a detestavam e Wilder a atacava freqüentemente. Mas anos mais tarde, quando Marilyn já estava morta, ele comentou: "Deixou um vazio irreparável. Com ela desapareceu todo um gênero e, com exceção de Greta Garbo, jamais existiu no cinema uma mulher com tanta voltagem".

Quando Marilyn Monroe filmou "Some Like It Hot", suas crises emocionais aumentaram, nas mesmas proporções que a publicidade e o

dinheiro. Entretanto tinha mais dúvidas do que nunca. Marilyn escrevia em seu diário: “Se por acaso pensar que não sei atuar? Estou certa de que sei, mas tenho medo. Não teria que tê-lo e não devo tê-lo”.

Billy Wilder conta em suas memórias que Marilyn era absolutamente genial como atriz de comédia, com um sentido extraordinário para os diálogos humorísticos. Tinha esse dom que jamais voltou a aparecer em nenhuma atriz do cinema. Wilder disse: “Existem mais livros sobre Marilyn Monroe que sobre a Segunda Guerra Mundial. Existe uma certa semelhança entre as duas. Conviver com ela era um inferno, mas valia a pena”.

Em 1957 se realiza um dos sonhos de Marilyn. Fundou sua própria produtora com a ilusão de escapar da tirania das multinacionais do cinema. A Marilyn Monroe Incorporation estreou com “The Prince and the Showgirl”. Filmado em Londres com a direção e interpretação de Sir Laurence Olivier. Este não foi o melhor filme dela, mas lhe permitiu conviver com o celebre ator e diretor inglês.

Arthur Miller, seu terceiro marido, disse certa vez que Marilyn era como uma poetisa que queria recitar seus poemas a uma multidão ávida por tirá-la a roupa. No final de sua vida, Marilyn se sentia abandonada, destruída e manipulada por todos. Nos últimos dois filmes, “Let’s Make Love” e “The Misfits”, dirigido por John Ford, se mostra madura, serena, frágil e graciosa, mas também atormentada, passional e esplendida. Em junho de 1962 Marilyn começou a filmar “Something’s Got to Give” ao lado de Dean Martin. Com sua morte em 4 de agosto as filmagens foram interrompidas. O filme foi rescrito e estrelado por Doris Day e James Garner com o nome de “Move Over Darling”.

Apesar de todas as dúvidas que envolvem a sua morte, Marilyn será sempre lembrada por seu magnetismo e por sua beleza. Ela é parte do cinema

e continua até hoje a tirar suspiros da platéia masculina. O que pode-se falar mais sobre Marilyn Monroe? Nada. Ela era simplesmente Marilyn.

* Jornalista formado pela PUCRS. Cursa Pós Graduação em Produção Cinematográfica na PUCRS.